

# "As posições de uma pessoa dentro da Embrapa tornaram-se política de governo", diz pesquisador

Cedé Silva

05.02.22 11:00

Artigo do grupo de Raoni Rajão, da UFMG, motivou sindicato a pedir exoneração de Evaristo de Miranda de cargo na Embrapa



Foto: Alan Santos/PR

## Receba nossa Newsletter



Ao clicar em "OK", você concorda com nossos [Termos de Uso](#) e [Política de Privacidade](#).

**Falsas controvérsias científicas, influenciadas por um grupo de pesquisadores da Embrapa, influenciaram a política e a legislação ambiental no Brasil em anos recentes – e seguem um método.**

A conclusão está em artigo científico liderado pelo pesquisador Raoni Rajão, coordenador do Laboratório de Gestão de Serviços Ambientais da UFMG. [O estudo](#) foi publicado em 25 de janeiro na revista *Biological Conservation* e motivou o Sinpaf, sindicato dos trabalhadores da Embrapa, a [pedir publicamente a exoneração do colega Evaristo de Miranda](#) (na foto, à esquerda, com o presidente Bolsonaro).

*"Nós observamos que essas falsas controvérsias têm um método. Elas seguem um certo protocolo, e também têm efeitos"*, disse Rajão, em entrevista a **O Antagonista**.

*"O efeito no caso do Brasil, especificamente, é serem utilizadas para legitimar a desconstrução de políticas ambientais"*, acrescentou. *"São mentiras doces que escondem verdades amargas"*.

Entre as falsas controvérsias abastecidas por agentes públicos, o artigo cita estudos sobre o Código Florestal, reformado em 2012; a suposta arbitrariedade de multas ambientais e o papel das Unidades de Conservação no combate ao desmatamento.

O artigo conta que na época do debate sobre a reforma do Código Florestal o grupo de Evaristo de Miranda apresentou ao Congresso um estudo mostrando que a lei inviabilizaria a agropecuária. Esse estudo não foi enviado para revistas científicas, onde estaria sujeito a revisão por outros pesquisadores.

*"O resultado indicava que se a legislação fosse implementada de maneira completa na Amazônia e no Pantanal, praticamente toda a agropecuária teria que ser expulsa, seria tida como ilegal"*, disse Rajão.

*"Examinando de maneira mais próxima, os números obtidos por outros estudos não chegam à mesma conclusão. Uma das formas de chegar a esse número apresentado pelo grupo do Evaristo é pegando cada rio disponível na base da Agência Nacional de Águas [ANA] e colocando nele uma faixa de proteção, que é de no mínimo 30 metros na legislação antiga e vai até 500 metros, como se todas demandassem 500 metros, como se fossem todas como a do Rio Amazonas. Isso faz com que você superestime a área que precisa ser preservada. E foi somente assim que nós conseguimos observar um número similar ao apresentado pelo grupo da Embrapa"*, acrescentou o pesquisador.

*"Ou seja: são escolhas metodológicas extremamente questionáveis que depois geram resultados que vão corroborar o discurso de quem? O discurso de quem já quer promover uma anistia, e foi isso que aconteceu no final das contas com o Código Florestal, que perdoou 58% de todo o desmatamento ilegal feito até 2008"*, prosseguiu Rajão.

*"Existem grupos isolados de pessoas que apesar de não serem pesquisadores ativos na comunidade científica – porque não publicam [em revistas científicas], não participam de congressos, não têm uma atividade da comunidade – são capazes de pegarem temas que já estão definidos, de certa forma fechados dentro da comunidade científica, e apresentarem esses temas como se fossem grandes controvérsias"*, disse o professor, resumindo a pesquisa publicada na *Biological Conservation*.

O contrário também acontece. *"Pegar algo que já é bem estabelecido, como 'fogo é um instrumento do processo de desmatamento', e negar. Falar 'não, floresta úmida não pega fogo'"*, disse o pesquisador.

Bolsonaro já disse coisas parecidas várias vezes. Em junho do ano passado, disse em uma de suas lives: *"Não pega fogo na Amazônia (...) A floresta é úmida"*. Em novembro, [voltou ao tema](#): *"A Floresta Amazônica não pega fogo"*.

Rajão ressaltou que o artigo, assinado por outros 11 pesquisadores, não é uma crítica à Embrapa. *"O artigo critica um grupo relativamente pequeno, liderado pelo Evaristo de Miranda, dentro da Embrapa. Como exemplo de geração de falsas controvérsias e seus impactos. O artigo não é uma crítica à Embrapa"*.

Porém, acrescentou, *"as posições de uma pessoa dentro da Embrapa tornaram-se política de governo. De maneira absolutamente central nos últimos anos, e de certa forma com aval da diretoria da instituição"*.

Procurados por **O Antagonista** desde segunda-feira (31), o Ministério da Agricultura e a Embrapa não responderam às nossas perguntas.

Na terça (1º), a Embrapa [publicou uma nota de repúdio](#) ao artigo do grupo de Rajão, pelo que chamou de *"suas limitações e sugerida parcialidade"*. A nota repete parte da linguagem usada pelo vice-presidente Mourão, dizendo que *"[o]s agricultores passaram a ser apresentados como os grandes vilões do meio ambiente"*, e não enfrenta os problemas levantados pelo artigo.

Evaristo de Miranda [é também um dos proponentes do 'boi bombeiro'](#), uma de várias falsas controvérsias que ficaram de fora do artigo na *Biological Conservation*.

**Leia mais:**

[Brasil chegou enfraquecido na COP26 por não ter feito dever de casa, diz pesquisador](#)

[A lenda do Boi Bombeiro](#)